



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Cultura: Conceito Sempre em Desenvolvimento

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Cultura: Conceito Sempre em Desenvolvimento

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C968	Cultura [recurso eletrônico] : conceito sempre em desenvolvimento / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. 217 p. : il. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-437-5 DOI 10.22533/at.ed.375190406 1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 353.70981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O presente livro pretende introduzir o leitor ao conceito antropológico de cultura e seu constante desenvolvimento. Tema central das discussões antropológicas nos últimos 100 anos, o assunto tem se demonstrado inesgotável, motivo pelo qual aqueles que tiverem o desejo de se aprofundar recorrem à bibliografia apresentada no final do volume. Destinado essencialmente a um público que se inicia no tema. A nossa intenção foi a de elaborar um livro texto bem didático e, portanto, bastante claro e simples. Os autores procuraram, na medida do possível, utilizar exemplos referentes à nossa sociedade, à escola, instituições que compartilham conosco um mesmo território. Isto não impede, contudo, a utilização de exemplos torna dos emprestados de autores que trabalharam em outras partes do mundo. Tal procedimento é coerente, desde que o desenvolvimento do conceito de cultura é de extrema utilidade para a compreensão do paradoxo da enorme diversidade cultural da espécie humana. Para tornar a bibliografia citada mais acessível aos leitores, O livro se refere ao desenvolvimento do conceito de cultura a partir das manifestações iluministas até os autores modernos, procura demonstrar como a cultura influencia o comportamento social e diversifica enormemente a humanidade, apesar de sua com provada unida de biológica.

Esta reflexão trata da relação cultura, desenvolvimento local e políticas culturais enfatizando os instrumentos normativos de direcionamentos, constituição e orientação de políticas públicas relevantes a apresentação dos elementos culturais, materiais e imateriais, relacionados aos empreendimentos, associações, entidades e pessoas interessadas na melhoria da qualidade de vida por meio de processos populares de geração de renda.

A cultura traz um conjunto de possibilidades harmônicas ao desenvolvimento entre perspectiva do econômico, social e ambiental. Reverbera ressignificações simbólicas, não sem tensão, sobre identidade, valorização do lugar e das coisas do lugar, das concepções de tradicional e moderno, de futuro e passado, de avanço ou retrocesso, de progresso e atraso e de alteridades que aparecem na constituição do imaginário social.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CULTURA, CONCEITO EM DESENVOLVIMENTO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DISCENTE.	
Solange Aparecida De Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro João Guilherme De Carvalho Gattás Tannuri	
DOI 10.22533/at.ed.3751904061	
CAPÍTULO 2	16
POLITICS (AND POLICIES) OF HISTORICAL MEMORY AND VIOLATIONS OF HUMAN RIGHTS: GENDER AND ETHNICITY INTERSECTIONS	
Ricardo Sant' Ana Felix dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3751904062	
CAPÍTULO 3	29
A CULTURA COMO CAMPO POLÍTICO EM CONSTRUÇÃO NO BRASIL	
Renner Coelho Messias Alves Ingrid Mendes Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.3751904063	
CAPÍTULO 4	42
AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A LEI Nº 10.639/03 NAS QUESTÕES DE ENSINO- APRENDIZAGEM: HISTÓRIA, CULTURA, IDENTIDADE NEGRA E AS COMPETÊNCIAS PARA UM ENSINO MULTICULTURAL	
Francisco Anderson Varela Bezerra Kássia Mota de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.3751904064	
CAPÍTULO 5	51
REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE ALFREDO BOULOS JÚNIOR COM A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI Nº 10.639 (2003-2012)	
Vanessa Santos Fontequê Jamaira Jurich Pillati Juliana Ferri Rosa Shizue Abe Sidney Lopes Sanchez Júnior Patrícia Ferreira Concato de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.3751904065	
CAPÍTULO 6	63
O “BICHO-MÃE” NO CIBERESPAÇO: GÊNERO E MATERNIDADE NO BLOG MAMÍFERAS	
Clarissa Sousa de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.3751904066	
CAPÍTULO 7	75
MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA, MATERNIDADE E TECNOLOGIAS DE GOVERNO: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO	
Caroline Silveira Sarmiento	
DOI 10.22533/at.ed.3751904067	

CAPÍTULO 8	87
MEMÓRIAS, MULHERES E PODER NA PRESIDÊNCIA DAS COLÔNIAS DE PESCADORES/AS EM PERNAMBUCO	
Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão	
DOI 10.22533/at.ed.3751904068	
CAPÍTULO 9	99
IMAGENS DO FORRÓ PÉ DE SERRA NO SUDESTE COMO REPRESENTAÇÃO SOBRE A CULTURA NORDESTINA	
Renner Coelho Messias Alves	
DOI 10.22533/at.ed.3751904069	
CAPÍTULO 10	117
SECA E DEVOÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO CRUZEIRO DE SÃO BOM JESUS EM CARIUTABA NO MUNICÍPIO DE FARIAS BRITO – CE	
Emanuel Mateus da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.37519040610	
CAPÍTULO 11	124
MITOS E RITOS DOS MUNDOS ÁRABES E INDÍGENAS: A DANÇA COMO UM OÁSIS DE REAFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES	
Luiza Angélica Oliveira Guglielmini	
Romy Guimarães Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.37519040611	
CAPÍTULO 12	140
A MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO NA TRILOGIA DO SILÊNCIO DE INGMAR BERGMAN A INFLUÊNCIA DO EXISTENCIALISMO MODERNO NO CINEMA EUROPEU	
Yasmin de Sousa Fontes dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.37519040612	
CAPÍTULO 13	151
MOBILIDADE URBANA PELOS MEIOS DE TRANSPORTE ALTERNATIVOS	
Mariana Rei Passos Campos	
DOI 10.22533/at.ed.37519040613	
CAPÍTULO 14	161
CONSUMO NA MEIA IDADE	
Kátia Sayuri Maruyama	
DOI 10.22533/at.ed.37519040614	
SOBRE A ORGANIZADORA	172

A MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO NA TRILOGIA DO SILÊNCIO DE INGMAR BERGMAN A INFLUÊNCIA DO EXISTENCIALISMO MODERNO NO CINEMA EUROPEU

Yasmin de Sousa Fontes dos Santos

Centro Universitário Senac

São Paulo – SP

RESUMO: Na década de 1960, o cineasta Ingmar Bergman dirigiu uma das trilogias que mais se destacou na história do cinema moderno: a *Trilogia do Silêncio*. Esses filmes enfatizam em sua construção narrativa a importância e a dificuldade da comunicação com o divino. A trilogia varia entre momentos sagrados e profanos, que carregam uma constante simbologia da falta de amor, do distanciamento da fé e do sofrimento humano. A pesquisa evidenciou o segundo filme da trilogia, *Luz de Inverno* (1962), e se baseou na concepção de modernidade e existencialismo sartreano para compreender o comportamento de descrença que está enraizado em nossa contemporaneidade e, que se espelha em nossa vivência e expressão artística atual.

PALAVRAS-CHAVE: Ingmar Bergman; Trilogia do Silêncio; Manifestação do sagrado; Cinema Moderno;

ABSTRACT: In the 1960's decade, the filmmaker Ingmar Bergman directed one of the most famous trilogies of the modern cinema history: the Faith Trilogy. Those movies emphasize the significance and the distress of the communication

with the divine in their narrative construction. The trilogy interlard between sacred and profane moments, that express the lack of love, the distance of faith and the human affliction. The research evidenced the second movie of the trilogy, *Winter Light* (1962), and was based on the conception of the Sartre's modern existentialism to understand this modern behavior that is settled in our contemporaneity and is reflected in our routine and artistic expression.

KEYWORDS: Ingmar Bergman; Faith Trilogy; Manifestation of the sacred; Modern Cinema;

1 | INTRODUÇÃO

A importância de analisar a produção cinematográfica através das influências da manifestação do sagrado está relacionada com nossa organização social, provinda da ética e da moral que possuem um vínculo antigo e profundo com a fé.

Ingmar Bergman, principal diretor do cinema sueco, trabalha constantemente em seus filmes a expressão do sagrado. Na chamada Trilogia do Silêncio: *Através de um Espelho* (Sasom i em spegel, 1961), *Luz de Inverno* (Nattvardsgästerna, 1963) e *O Silêncio* (Tystnadem, 1963), presenciamos a relação de suas personagens com suas crenças, envolvendo questões emocionais e conflitos

internos entre o psicológico e o espiritual. Seus filmes, mesmo depois do fim, perduram na mente do espectador, pois produzem questionamentos existencialistas sobre as consequências das atitudes humanas e a reflexão sobre a divergência entre a dificuldade e a necessidade de ter fé. Nessa pesquisa, os três filmes serão discutidos mais adiante, porém, o foco principal estará no segundo filme da trilogia: *Luz de Inverno*.

Alguns costumes culturais e aspectos da formação da individualidade humana são consequências dessa religiosidade, que nos move ou nos angustia dependendo de nossas vivências sociais. A sacralidade em nosso mundo é diversificada e cada pessoa possui o seu próprio paradigma sobre a relação e a forma de vivenciar tempos sagrados e, em oposição, tempos profanos. A palavra *profano* aqui não é dada como desrespeito religioso, mas sim como um tempo distinto do sacro, podendo ser uma rotina ordinária ou momentos onde a fé é preterida.

Esses tempos, que serão discutidos ao longo do artigo, são explicados por Mircea Eliade como eterno (sagrado e cíclico) ou linear (profano).

Tal como o espaço, o Tempo também não é, para o homem religioso, nem homogêneo nem contínuo. Há, por um lado, os intervalos de Tempo sagrado, o tempo das festas (na sua grande maioria, festas periódicas); por outro lado, há o Tempo profano, a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso. (ELIADE, p. 38)

Inferindo o homem moderno, sabemos que a construção da sociedade se estabelece com uma notável influência destes questionamentos da angústia humana, que designa o que é sacro, o significado da liberdade e o pertencimento do homem à humanidade⁴. Esta questão moderna da aflição humana perante o divino afeta diretamente a criação artística, incluindo a produção cinematográfica.

O sagrado influencia e modifica a vida do ser humano regularmente, porém a ideia de sacralidade também é alterada conforme os valores éticos, culturais e morais.”[...] para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência.” (ELIADE, p.13). Em uma sociedade estes valores são substituídos com o tempo e, em nossa contemporaneidade, observamos a quebra e o vazio de comportamentos antes tidos como absolutos e corretos.

A pretensão da pesquisa consiste no aprofundamento na percepção do sagrado no cinema, analisando como o diretor constrói seus personagens em uma narrativa centralizada neste tema. Compreenderemos no objeto da pesquisa como esse paradigma é espelhado em discussões filosóficas existencialistas e porque houve esse processo de ressignificação do sagrado, ressaltando a representação do homem no cinema moderno.

2 | DESENVOLVIMENTO

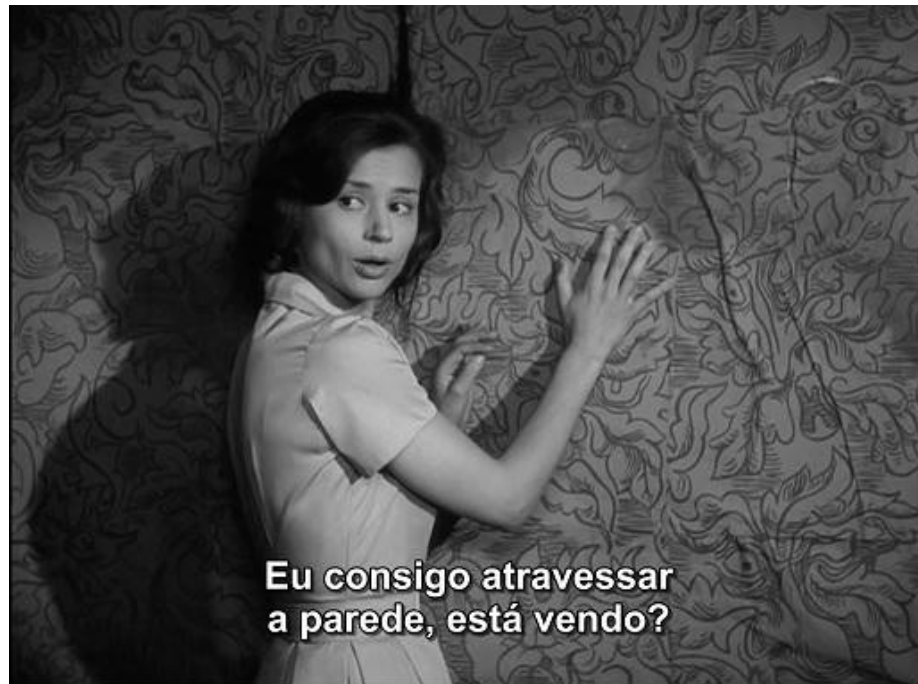
A resenha crítica dos três filmes citados anteriormente (Trilogia do Silêncio) está

baseada no processo de análise de um mito, ou seja, usamos uma linguagem analógica que tenta contemplar alguns símbolos existentes nas obras cinematográficas. A intenção de comparar os filmes ao entendimento de um mito, logo, entendê-los como um processo cíclico que se relaciona ao caos sucedido pela criação do mundo, é uma forma de afirmar a posição sagrada e profana que a narrativa assume em sua totalidade.

A ideia de que os mitos tenham sido criados para explicar os fenômenos da natureza, tão difundida hoje em dia, por isso mesmo, nem sequer merece nossa atenção. A função do mito por excelência, como veremos, é a de apresentar verdadeiros “roteiros de iniciação”, visto que seu único propósito é o de permitir ao homem descobrir o enigma de sua existência, que poderíamos resumir no mistério de quem somos, de onde viemos, e para onde vamos. Dessa forma, todos os mitos podem ser lidos como processos desenvolvidos dentro do homem, em sua trajetória rumo ao conhecimento do universo e dos deuses. (FARJANI, p. 10)

A incapacidade de comunicação com Deus e o vazio da existência humana, provocado pelo distanciamento do sagrado, é visto de forma recorrente nas obras de Ingmar Bergman, logo, o silêncio nada mais é do que o distanciamento de Deus (ou da ideia de Deus) e o questionamento de sua possível existência. *Através de um Espelho* estrutura o início do rompimento com a fé, *Luz de Inverno* representa o confronto com essa dúvida, e *O Silêncio*, a constatação da ausência de Deus.

Analisando o primeiro filme da trilogia, *Através do Espelho*, baseado na passagem bíblica “Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido.” (BÍBLIA, 1 Coríntios 13:12). Visualizamos a história de uma família que se reúne em uma casa para aproveitar um momento de descanso. Karin (Harriet Handerson), a personagem principal, é uma jovem que sofre de uma doença mental incurável. Encontra em seu pai (Gunnar Björnstrand) a representação da figura desse deus ausente e egoísta, a quem ela deveria confiar, mas que se mostra indiferente diante de sua doença. Quanto mais se afasta de seu pai e de seu marido Martin (Max Von Sydow), encontra na loucura um refugio que incentiva a sua busca por Deus, e nos propõe o questionamento acerca do estado de insanidade e desespero ser condição necessária para o ser humano encontrar o sagrado.



(ATRAVÉS de um Espelho, 47m31s)

Porque a crença de Karin também pode ser entendida como a doença da fé que não tem “recuperação”. Sua busca por esse Deus, que está atrás da parede de um cômodo da casa, se encerra no momento em que ela, finalmente, enxerga essa divindade como uma aranha, uma experiência *numinosa* ou seja, inspirada por uma divindade. O termo Deus-Aranha, encontrado frequentemente nos filmes de Bergman poderia ser explicado pela sua visão de Deus como uma entidade miserável, que abusa de seu poder para o caos.

O segundo filme da trilogia, *Luz de Inverno*, sobre o qual esta pesquisa busca um aprofundamento maior, possui um roteiro estruturado onde os significados se completam. Para a compreensão da narrativa, é importante nos atermos aos diálogos onde os sentimentos e descrenças dos personagens estão expressados. Na primeira cena nos deparamos com o padre Tomas (Gunnar Björnstrand) rezando uma missa com seis pessoas. Depois de todos os processos de perda de crenças e ceticismo que o filme nos leva a acompanhar, a narrativa termina como começou: a última cena encerra-se com uma missa, desta vez totalmente vazia. Apenas a personagem Marta (Ingrid Thulin) está presente, porém não está por fé, mas por amor pelo padre (sentimento que trataremos mais adiante). Em sua última fala há, talvez, o que entendemos como a morte de sua esperança: “Se ao menos houvesse uma verdade para crer”.

O primeiro questionamento em relação à crise da fé envolve a imagem de Cristo na cruz, imagem essa considerada ridícula por Tomas. A cena é seguida por um diálogo com Marta, onde ele se aflige pelo silêncio de Deus e se julga abandonado. Marta responde que Deus não existe e esta afirmação sustentará todo o processo do diálogo seguinte.

Interessante pensar que Tomas, ao tentar confortar Jonas (Max Von Sydow), o pescador que também passa por uma crise de descrença e medo, reforça a ideia de que Deus não existe e retorna ao Deus-aranha, já mencionado no primeiro filme da trilogia, *Através de um Espelho*. A conversa é marcada pelo eterno tic-tac do relógio, um tempo que não tem misericórdia assim como a imagem de Deus para os dois. Como dito anteriormente, o Tempo sagrado é o tempo eterno e recuperável de estado ritualístico religioso, porém em contraposição o Tempo profano, o mesmo que o filme nos apresenta nesse momento, enfatiza a angústia sem intervalo e sem comunicação com o divino, representa o tempo que leva à morte.

Para o homem não religioso o Tempo não pode apresentar nem rotura, nem “mistério”: constitui a mais profunda dimensão existencial do homem, está ligado à sua própria existência, portanto tem um começo e um fim, que é a morte, o aniquilamento da existência. (ELIADE, p. 39)



“Toda vez que confrontava Deus com questões reais, percebia que ele se transformava em algo feio e revoltante um Deus-aranha, um monstro.” (LUZ de Inverno, 40m31s).

Notamos que Tomas possui uma presença desconfortável e egoísta, comparando seus problemas com o do pescador, agravando seu sentimento de desolação. Para o padre, é indiferente se Deus existe ou não. Jonas, por outro lado, está totalmente enlouquecido por essas dúvidas que o consomem e, quando procura uma palavra de amor, recebe a confirmação de seus medos. Tomas não possui vocação, comenta mais tarde que foi um desejo dos pais que ele se tornasse sacerdote, e assume uma postura apática com o que acontece ao seu redor, como se já estivesse morto igual ao seu Deus.



(LUZ de Inverno, 22m17s)

Após ler a carta de amor de Marta e encontrá-la olhando através de uma janela da igreja, Tomas fica de joelhos e, em desespero, se diz livre. Assume que teve uma esperança passageira em Deus e chora no colo dela. Logo depois, recebemos a notícia, já esperada, de que Jonas se matou. O padre vai ao encontro do corpo e, diferente do último encontro dos dois, não há mais o som do relógio, tudo está em silêncio. O corpo do pescador é retirado rapidamente e colocado em um carro sem qualquer sentimentalismo. Como se sua morte não importasse e, sem qualquer conotação sagrada, Tomas vai embora em direção à casa de Marta.

Retomamos aqui a ênfase na importância dos diálogos. Tomas, com uma imensa severidade, distancia-se, com repulsa, de Marta. Comparando-a com sua antiga esposa e citando todos os defeitos dela que o incomodam. Enquanto ela chora e se desculpa, a cena nos mostra o quão Tomas está parecido com o Deus impetuoso. Ele julga, afasta e novamente a chama de volta, como um ciclo vicioso e abusivo de confiança, resignação e descrença.

Analisando a relação de Tomas com as três mulheres presentes no filme, compreendemos, agora com uma visão mais aprofundada, a sua personalidade. Em relação à sua esposa, já morta e só mencionada, notamos uma obsessão desmedida. Assim que ela morreu, ele considerou que fosse sua morte também. Carrega várias fotos dela em sua carteira, enaltece sua imagem e reduz a presença de Marta. Não consegue se livrar do que ela representou na sua vida, talvez ela fosse o seu “Deus”, pois no momento em que o padre tenta confortar Jonas, ele menciona que apenas sua mulher sabia da sua visão de Deus-aranha e que a presença dela era o seu único conforto diante da vida. Em uma conversa de Marta com o tocador de órgãos, ele cita

vagamente a relação complicada de Tomas com sua esposa: “As pessoas vinham à igreja, mas a esposa acabou com ele [...] ele tinha os olhos apenas para ela. Ele estava enlouquecido. Tanto a dizer sobre a história de amor deles. Deus é amor, e amar é Deus.”.

A esposa do pescador Jonas, Karin (Gunnel Lindblow), aparece em poucas cenas, mas é uma presença importante. Para ajudar seu marido, ela acha que a melhor opção é conversar com um padre. Após a notícia do suicídio de Jonas, que recebe, com certa frieza, do sacerdote, ela se diz sozinha, grávida e com seus três filhos. Não menciona a companhia de Deus, porque também já não crê nesta existência divina e recusa-se a ler a Bíblia oferecida por Tomas. “Eu falei com ele, mas não tinha muito a ser feito”, o padre se desculpa de cabeça baixa e recebe uma resposta indiferente e irônica “Certamente o senhor fez tudo o que podia.”

A última e mais complexa personagem feminina é Marta. Percebemos um enorme cuidado e carinho desde seu primeiro diálogo com Tomas, ela é a única que se importa e cuida dele. Talvez como oposição à sua esposa, Marta represente um “Deus” cuidadoso, que já não possui mais relevância depois de tanto sofrimento. Em sua carta para Tomas, Marta rememora o primeiro término da sua relação com ele e, a repugnância que ele sente por ela. Revela a incompreensão e a falta de fé e amor de Tomas e com uma oração em pedido de uma tarefa digna, percebe o amor que sente pelo sacerdote e o considera como uma missão da sua vida.

Conforme dito anteriormente, é a única pessoa a acompanhá-lo até o fim. Como a personagem Eve do conto “O Quarto” de Jean-Paul Sartre, Marta enxerga que está tudo errado, recebe diversos avisos para ir embora, mas decide ficar e participar da “loucura” de Tomas, talvez pela esperança no amor e pelo desejo de participar inteiramente da vida do outro, como se Deus realmente desse a incumbência da salvação a ela.

O último diálogo de Tomas acontece com o sacristão, que de forma simples e poética diz que a maior dor de Jesus não foi a dor física e sim a dor do abandono, da traição, da dúvida e, por fim, o silêncio de Deus. Essas afirmações são a confirmação dos questionamentos de Tomas durante todo o filme, em relação a Jesus na cruz e ao silêncio, sempre mencionado e presente.

No último filme da trilogia, *O Silêncio*, encontra-se ainda mais evidente do que nos outros dois filmes já citados, que a interferência divina (ou a falta dela) age de alguma forma no comportamento social e mental das personagens. A atmosfera de tensão e angústia é ainda mais presente. O nome de Deus não é citado em nenhum momento, mas sentimos que a sua ausência é um peso presente, o que afeta na incomunicabilidade das duas irmãs Ester (Ingrid Thulin) e Anna (Gunnel Lindblow). A narrativa também é circular, começando e terminando dentro de um trem. No começo, duas irmãs que se relacionam de forma conflituosa e o filho de uma delas se hospedam em um hotel. Ao longo do filme acompanhamos a relação de proteção sufocante de Ester para com Anna e a sexualidade reprimida da irmã mais nova, que a impede de

se relacionar de forma saudável até mesmo com o próprio filho.

A doença é presente na trilogia, Karin com sua doença mental incurável, Tomas com sua gripe e Ester que fica de cama diversas vezes ao longo da narrativa, com sintomas de euforia e alucinação. Assim como o pai de Karin é indiferente a sua doença, Anna não se interessa pela irmã adoentada, sendo apenas seu filho que observa a doença da tia atormentá-la. Observamos a perda total de conexão com o mundo, com os outros e consigo mesmo, no estado frágil das personagens e pelos processos dolorosos que as mesmas enfrentam.

Não encontramos em nenhum desses três filmes uma resposta concreta em relação a cura do sentimento de dor perante ao silêncio divino, mas sim o desenvolvimento e aprofundamento de questões internas que, direcionando-se ao espectador, nos faz questionar o que faremos com esse estado humano de angústia perante o sagrado e, com o peso da responsabilidade de nossas ações no mundo.

3 | CONCLUSÃO

É preciso acrescentar que uma tal existência profana jamais se encontra no estado puro. Seja qual for o grau de dessacralização do inundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso. (ELIADE, p.18)

Considerando toda a trajetória de análise fílmica, o entendimento dos símbolos que compõem as qualidades de sacralidade e profanidade e o período histórico do filme, encontramos uma relação entre a dúvida da existência de Deus e a difusão da filosofia existencialista presente na época. Segundo Jean-Paul Sartre, o que amedontra na doutrina existencialista é a possibilidade do ser humano escolher o seu próprio destino. Esse medo está relacionado à noção de que não existe natureza humana, ou seja, nossa existência precede nossa essência, que por sua vez é construída por nossa inteira responsabilidade.

A angústia dos personagens, ainda dispendo da doutrina existencialista, pode estar relacionada ao entendimento de que, como seres humanos que convivem em sociedade, parafraseando Sartre, a partir do momento que escolhemos por nós, também escolhemos pelos outros. Seja em ações pequenas do dia-a-dia ou em situações que exigem uma responsabilidade maior, como o posicionamento político ou religioso.

Tudo acontece para cada homem como se a humanidade inteira estivesse sempre com os olhos sobre o que ele faz para agir de maneira semelhante. E cada um deve se perguntar: sou eu mesmo o homem que tem o direito de agir de forma tal que a humanidade se oriente por meus atos? E se ele não se colocar esta questão, é porque está mascarando a angústia. Não se trata, aí, de uma angústia que leve ao quietismo, à inação. Trata-se de uma angústia simples, que todos aqueles que já tiveram responsabilidade conhecem. (SARTRE, 2014, p 30)

Esta ideia de que o homem está “condenado à liberdade”, nos impulsiona ao questionamento: como a moral e a ética se estabelecerão em uma sociedade em que o homem não precisa mais de um deus? Não existe uma resposta concreta, pois a sociedade não rompeu totalmente com a crença no sagrado, mas a consciência humana sobre os próprios atos é o que motiva a estruturação da modernidade até hoje. Isto é, Deus existindo ou não, os valores morais e éticos já pertencem ao campo racional de convivência social. O ser humano, como observamos nos três filmes, torna-se desamparado por essa distância de Deus, apesar disso, o otimismo existencialista advém justamente da possibilidade do homem ser seu próprio criador, sendo assim, construir a si mesmo do jeito que lhe convém, sem um determinismo religioso.

Observando os personagens de Ingmar Bergman, notamos uma angústia que, vinda da incerteza da existência de Deus, não tende a romper totalmente com a ideia de sagrado, mesmo que a consciência das ações e a responsabilidade humana estejam colocadas. A angústia dos personagens talvez não esteja totalmente intrínseca à responsabilidade estabelecida pelo existencialismo, mas sim ao desprendimento de um deus silencioso. Tomas, personagem do filme *Luz de Inverno*, por exemplo, age de forma que poderíamos entender como a explicação de Sartre sobre a má-fé, porque já está consciente de si e não acredita mais em um deus, mesmo assim pratica o papel de sacerdote e celebra missas religiosas. Este papel social, ao qual ele se julga preso e que o faz reproduzir ideais cristãos nos quais ele não acredita, é uma escolha conformista e perversa.

O existencialismo sartreano de forma alguma tende a ser uma crítica à religião, nem é o motivo central do desespero humano relacionado à descrença. Porém, ele nos leva a entender que o que move o mundo é a ação humana, não a espera por uma resposta de Deus. Mas enquanto o homem aguardar a salvação divina, o desespero causado pela descrença o deixará cada vez mais angustiado. Se o homem aceitar a responsabilidade por si mesmo, acreditando em Deus ou não, pensamos que o otimismo possa retornar.

A tentativa de afastamento das crenças relacionadas com o sagrado, que estão arraigadas culturalmente, parece impossível. A angústia dos personagens de Ingmar Bergman, além de originar-se da responsabilidade da liberdade, surge da impossibilidade de abandonar a religiosidade absolutamente. A melancolia do que deveria existir, mas que em nosso tempo não existe mais.

O desespero encontrado nos filmes da trilogia condiz com o desespero cristão, onde a descrença é ausência da esperança. No existencialismo humanista de Jean Paul-Sartre, esta descrença é o que move o ser humano em busca de si mesmo e da compreensão de sua liberdade.

O existencialismo não é, sobretudo, um ateísmo no sentido de empenhar-se para demonstrar que Deus existe. Declara, ao contrário que, mesmo que Deus exista, isso não mudaria nada; este é o nosso ponto de vista. Não quer dizer que creiamos que Deus existe, mas que achamos que o problema não é sua existência ou não. O homem precisa encontrar-se ele próprio e convencer-se de que nada poderá

salvá-lo de si mesmo, mesmo que houvesse uma prova incontestável da existência de Deus. (SARTRE. 2014, p. 61)

A questão existencialista da dúvida humana, do questionamento de si e de assumir a responsabilidade sob suas ações é a representação do homem moderno, que já não consegue mais crer e nem recriar o sagrado em gestos ou entendê-lo em significações e rituais. Todos os personagens citados, por mais que tentem, não possuem uma conexão com o cosmos sagrado e se veem perante a missão de confrontar a sua realidade de microcosmos e assumir sua consciência.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007

BÍBLIA, N. T. Primeira Epístola aos Coríntios. In BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Católica**: Antigo e Novo Testamento. p. 1076. Disponível em: <<http://sanderlei.com.br/PDF/Biblia/Biblia-Sagrada-Catolica.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2017.

BERGMAN, Ingmar. **Imagens**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **A Lanterna Mágica**. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FARJANI, Antonio Carlos. **A Linguagem dos Deuses**. São Paulo: Mercuryo, 1991.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

_____. **A Náusea**. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1986.

_____. **A Idade da Razão**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. **Entre Quatro Paredes**. São Paulo: Oficina de Teatro, CEFET-SP, 2001.

_____. **O Muro**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1963.

TODOROV, Tzevtan. **O Espírito das Luzes**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2008.

Filmografia

ATRAVÉS de um Espelho. Direção: Ingmar Bergman. Svensk Filmindustri (SF). Suécia, 1961. 89 min. Son., B&W, Formato: 35 mm.

FONTE da Donzela, A. Direção: Ingmar Bergman. Svensk Filmindustri (SF). Suécia, 1960. 89 min. Son., B&W, Formato: 35mm.

ILHA de Bergman, A. Direção: Marie Nyneröd. Sveriges Television (SVT), Svensk Filmindustri (SF), Danmarks Radio (DR). Suécia, Dinamarca, Noruega e Finlândia, 2004. 174 min. Son., Color, Formato:

35mm.

LUZ de Inverno. Direção: Ingmar Bergman. Svensk FilmindCustri (SF). Suécia, 1963. 81 min. Son., B&W, Formato: 35mm.

SÉTIMO Selo, O. Direção: Ingmar Bergman. Svensk FilmindCustri (SF). Suécia, 1957. 95 min. Son., B&W, Formato: 35mm.

SILÊNCIO, O. Direção: Ingmar Bergman. Svensk Filmindustri (SF). Suécia, 1963. 96 min. Son., B&W, Formato: 35mm.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena .

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-437-5



9 788572 474375